

# **Homilia na ordenação sacerdotal de três membros da Prelazia**

Texto completo da homilia que D. Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, pronunciou na cerimônia de ordenação sacerdotal de três diáconos da prelazia, no Santuário de Torreciudad, no dia 2 de setembro de 2012.

08/09/2012

Queridíssimos irmãos e irmãs.

Queridíssimos ordenandos.

Há poucos dias voltei a ler umas palavras de São Josemaria; falava da missão da Obra de Deus no mundo e dizia-nos: **estamos num caminho divino, no qual temos de seguir as pegadas de Jesus Cristo, levando a nossa própria cruz, a Santa Cruz!** E **Deus Nosso Senhor espera que nos esforcemos generosamente, que nos sintamos felicíssimos, cooperando com sacrifício para que a Obra se realize**[1]. São muito apropriadas estas considerações para quem, dentro de poucos momentos, vai receber o Sacramento do sacerdócio, e penso que também o são para todos os católicos a respeito do nosso serviço comum à Santa Igreja. Como afirmava o Fundador do Opus Dei, a Prelazia é uma *partezinha* da Igreja e se não é para servi-la – acrescentava,

terminantemente – que seja destruída!

Neste domingo, dia do Senhor, sabendo-nos cada um de nós, membros do Corpo Místico de Jesus Cristo, demos graças a Deus pela ordenação presbiteral destes três irmãos nossos e, também roguemos fervorosamente à Trindade Santíssima que desperte em cada uma e em cada um dos que aqui nos encontramos, neste Santuário de Nossa Senhora, um profundo e eficaz sentido da alma sacerdotal, que a todos nos foi infundida pelo sacramento do Batismo.

Ponderemos que somos portadores de Cristo; e esta santa responsabilidade, porque Deus quis contar conosco, deve nos estimular a conviver mais de perto com Jesus Cristo, a conhecê-l'O com mais intimidade e a dá-l'O a conhecer. Nada mais afastado dessa confiança

que o Céu nos mostra, do que uma atitude passiva ou de desinteresse. Temos de nos esforçar diariamente para deixar mais espaço para Deus nas nossas almas – diria que esse espaço deve ser total – para nos termos em condições de transmitir ao mundo e, mais concretamente, aos nossos parentes, aos nossos colegas de trabalho, aos nossos amigos, a incomparável alegria da nossa condição de filhos de Deus; e também para que, por Ele - por Cristo, com Cristo e em Cristo – como rezamos na doxologia final da Oração eucarística – nos esforcemos por transformar em tarefa divina os diferentes afazeres que nos ocupam.

Jesus Cristo pediu aos doze Apóstolos: *ide por todo o mundo e pregai o Evangelho*[2]. É uma exortação que também dirige a nós, ninguém é excluído; uma tarefa que podemos levar a cabo – não é difícil, mas exige luta – com uma conduta

coerente com a Graça que Deus continuamente nos infunde. Não duvidemos, se atuamos assim, se damos testemunho da nossa fé, sem respeitos humanos, não poucas pessoas nos questionarão sobre o motivo da nossa atitude ou sentir-se-ão interpeladas, e encontraremos muitas oportunidades de dar razão da nossa esperança, de transmitir o tesouro da fé. Como já sabemos, o Papa Bento XVI convocou o Ano da Fé, com a Carta Apostólica *Porta fidei*, não somente para nosso benefício pessoal, mas para que revelemos ou recordemos às pessoas a alegria de que todos somos filhos de Deus e de que nos chama a todos à Sua amizade. Assim se expressava nesse documento, recolhendo umas palavras pronunciadas na homilia do início do seu Pontificado: *A Igreja no seu conjunto, e nesta os seus pastores, como Cristo, têm de se pôr a caminho para resgatar os homens do deserto e conduzi-los ao lugar da vida, para a*

*amizade com o Filho de Deus, para Aquele que nos dá a vida, e a vida em plenitude[3].*

Vem muito a propósito o texto do Evangelho de São João, há pouco proclamado. Jesus Cristo nos diz que é o Bom Pastor e que deu a vida pelas Suas ovelhas. São Josemaria, comentava com muita frequência estas palavras que o Mestre dedicou ao Bom Pastor. Dirigia-se aos fiéis do Opus Dei, mas não excluía os outros católicos, cidadãos iguais aos membros da Prelazia. Esclarecia que todos, na Igreja, somos ovelha e pastor, e com esta afirmação queria salientar que, sendo os batizados continuadores no tempo da missão de Jesus Cristo, a todos nos compete – de acordo com o sacerdócio ministerial ou com o sacerdócio comum dos fiéis – ser servidores dos outros, dando exemplo com a nossa conduta e com a nossa formação doutrinal. Porque se lemos

habitualmente e com piedade os Evangelhos, se os fazemos vida da nossa própria vida, propor-nos-emos prestar, com generosidade, ajuda espiritual e também a humana ao nosso alcance, àqueles que convivem conosco; conscientes, ao mesmo tempo, de que – pela Comunhão dos santos – onde quer que nos encontremos, podemos enviar *sangue arterial* – ajuda espiritual proveniente do Sangue vivificador de Cristo – a toda a humanidade.

O que acabo de comentar não pode ficar num simples entusiasmo, num fogo de artifício, que brilha por um momento e desaparece sem deixar rastro. O Papa Bento XVI repete sem cansaço que Deus quer servir-Se dos santos, para propagar a força salvadora que Jesus Cristo, enviado pelo Seu Pai, trouxe à humanidade de todos os tempos, a Boa Nova que será sempre atual e eficaz. Portanto, se cada uma e cada um de nós se

esforçar por caminhar lealmente com o Mestre, seremos bons pastores e sairemos, com contínua e inteira disponibilidade, em busca das almas, persuadidos da transcendência da nossa vida cristã, já que, como não deixava de repetir São Josemaria, **quando a sementeira é de santidade, nada se perde**[4].

Quero agora dirigir-me a vós os três, filhos queridíssimos, escolhidos por Jesus Cristo para serdes continuadores no tempo do Seu único Sacerdócio. Respondestes livremente a essa chamada e, para que descubrais diariamente a urgência deste compromisso, torna-se muito necessária a vossa constância para ser muito humildes, pedindo também esta virtude para todos os sacerdotes e seminaristas do mundo, tendo muito presente que o Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, veio a esta nossa terra para servir e não para ser servido. Recordai o Seu

convite claro, terminante: *discite a me..., aprendei de mim que sou manso e humilde de coração*[5]. Sugiro-vos que olheis, diariamente, com repetida frequência e com devoção, para o Crucifixo – o livro em que está toda a ciência, afirmava São Tomás de Aquino – porque temos de seguir adiante pelo mesmo caminho de abnegação total que Cristo percorreu. Ao entregar-vos a hóstia sobre a patena e o cálice, escutareis: *recebe a oferta do povo santo para apresentá-la a Deus. Considera o que realizas e imita o que comemoras, e conforma a tua vida com o mistério da cruz do Senhor.* Não desanimemos no cumprimento desta proposta.

O Santo Padre, Bento XVI, na sua carta para convocar um ano sacerdotal escreveu-nos: “*O Sacerdócio é o amor do coração de Jesus*”, repetia com frequência o Santo Cura d’Ars. Esta tocante afirmação permite-nos, antes de mais nada,

*evocar com ternura e gratidão o dom imenso que são os sacerdotes não só para a Igreja mas também para a própria humanidade. Penso em todos os presbíteros que com humildade repetem todos os dias aos fiéis cristãos e ao mundo inteiro as palavras e os gestos de Cristo, procurando aderir a Ele com os pensamentos, a vontade, os sentimentos ... E mais adiante apontava o Papa: Todos nós, sacerdotes, deveríamos sentir que nos tocam pessoalmente estas palavras que ele – São João Maria Vianney – colocava na boca de Cristo:*

*«Encarregarei os meus ministros que anunciem aos pecadores que estou sempre pronto a recebê-los, que a minha misericórdia é infinita»[6].*

Peço-vos que mediteis nestas ideias, e que releiais essa carta, que tanto bem fará à vossa alma e vos ajudará a exercer muito retamente o vosso ministério, ao servir com o

sacramento da penitência quantos se  
aproximem do vosso confessionário.

Ao impor-vos as mãos para vos  
transmitir o dom do sacerdócio de  
Cristo, o coro e o povo entoarão o  
hino *Veni Creator*. Recorre ao  
Paráclito com profunda piedade,  
para que se grave na vossa alma que  
com este sacramento ides ser, de um  
modo especial, *outro Cristo*, e como  
acrescentava São Josemaria: *o  
próprio Cristo*; esta afirmação não  
implica uma ousadia temerária,  
porque lemos nos Evangelhos, não  
poucas vezes e de diferentes  
maneiras, as indicações do Mestre:  
“*quem a vós ouve, a Mim ouve*”, “*fazei  
isto em memória de Mim*”, “*ide em  
Meu nome*”. Desejo acrescentar que,  
na Santa Missa, ides ser o próprio  
Cristo e que sereis ministros para  
distribuir ao povo de Deus o Corpo e  
o Sangue do Unigénito, além de que  
no sacramento da Penitência o  
Senhor se servirá de vós, sendo Ele

mesmo que perdoa, para lavar as almas dos seus pecados.

Quero rogar-vos também que tenhais muito presente que “não há Igreja sem Eucaristia, e não há Eucaristia sem a Igreja”. Vós, a partir deste dia, passais a ser de maneira primordial guardiões fiéis deste dom inefável, no qual o próprio Jesus Cristo faz sacramentalmente presente o Sacrifício da Cruz, e fica oculto nos tabernáculos do mundo, esperando certamente que o acompanhemos todos e, muito concretamente, os Seus sacerdotes. Cuidai zelosamente a liturgia, sem nunca vos acostumardes a celebrar as funções do altar, e de modo especialíssimo a Santa Missa. Celebrai-a com piedade e recolhimento: não se trata de fazer espetáculo, mas não esqueçamos que o povo observa e aprende com o culto que nós, ministros de Deus, tributamos ao Senhor. Pedi-o de modo expresso ao nosso Padre, que

até ao final da sua vida se esmerou em crescer em piedade desde que começava o Santo Sacrifício até ao *ite, Missa est.* Ponderai muitas vezes aquele grito de um bispo santo, de que o nosso Padre se fez eco em *Caminho: tratai-m’O bem!*[7].

Não esqueçais, filhos queridíssimos, que recebeis a ordenação sacerdotal para servir a Igreja, a todas as almas e mais diretamente as mulheres e os homens da Prelazia, na qual os sacerdotes e os leigos compomos uma unidade orgânica que não pode romper-se, porque se destruiria o caminho de santidade pessoal que Deus nos pede e também a eficácia apostólica do Opus Dei, no mundo inteiro, a serviço da Igreja santa.

Sede sempre muito leais ao Romano Pontífice, seja quem for; amai todos os Bispos, sucessores dos Apóstolos e o vosso Ordinário, o Bispo e prelado do Opus Dei; amai os sacerdotes de

cada diocese; e rogai com constância ao Senhor que envie muitos operários à Obra e a toda a Sua messe: numerosos seminaristas decididos a procurar a santidade e também vocações para a vida consagrada.

Pensando em como São Josemaria amou – e ama agora a partir do Céu – os pais e irmãos das suas filhas e filhos, felicito de todo coração àqueles que compõem a família de cada um dos três novos sacerdotes. Dai graças à Santíssima Trindade, apoiados na intercessão da Virgem, Nossa Senhora dos Anjos, para que proteja estes filhos na sua nova etapa de serviço à Igreja e às almas.

Neste templo tudo nos fala do amor de Deus e da Sua Mãe a cada uma e a cada um de nós: o Sacrário com Jesus Sacramentado que contemplamos no óculo do retábulo, as cenas da vida do Senhor e de Santa Maria, a

imagem da Virgem de Torreciudad, o digno e amplo presbitério com a estátua em adoração do Fundador do Opus Dei e até as próprias paredes de tijolo. Cada elemento é um convite a que pensemos que todos somos templo de Deus e, recolhendo a ideia de São Josemaria anotada em *Caminho*, do mesmo modo que os grandes edifícios – este Santuário também – foram erguidos tijolo a tijolo, consideremos que cada detalhe da nossa vida pode e deve ser um contínuo adorar a Deus Nossa Senhor.

Não posso terminar sem rogar a todos que, diariamente, saia das nossas almas uma oração fervorosa, acompanhada de generosos sacrifícios, pela pessoa e intenções do Papa, pelos Bispos – pelo meu irmão o Bispo de Barbastro – pelos sacerdotes e por esta humanidade da qual fazemos parte.

Seja louvado Nossa Senhora Jesus  
Cristo.

[1] São Josemaria, *Carta* 11-3-1940.

[2] *Mc* 16, 15.

[3] Bento XVI, *Homilia na Missa de  
início de Pontificado*, 24-4-2005.

[4] Cf. *Caminho*, 651.

[5] *Mt*, 11, 29.

[6] Bento XVI, *Carta para a  
convocação de um ano sacerdotal*,  
16-6-2009.

[7] Cf. *Caminho*, 531.